

ENTREVISTA

MICHELLE PERROT

*Hermetes Reis de Araújo**
Paris, 06 de março de 1992

Apresentação

No final do mês de março de 1992 chegou às livrarias francesas o quinto volume da *História das Mulheres* (Ed. Plon). O sexto e último volume da coleção, que apresenta um estudo sobre as imagens da mulher na história, foi publicado em meados deste mesmo ano. Coordenada por Michelle Perrot e Georges Duby, a *História das Mulheres* é uma obra monumental: ela engloba desde a Antiguidade até o século XX e envolve o trabalho de 70 historiadores de vários países. Em abril do ano passado foi lançado na Inglaterra e nos Estados Unidos o primeiro volume, já publicado na Itália e na Espanha (as traduções alemã, holandesa e grega começaram a sair no final de 1992 e início de 1993). A publicação da edição brasileira ainda não tem data definida.

O discurso sobre a diferença entre os sexos, quando enunciado a partir de uma perspectiva crítica, sempre manteve - salvo raras exceções - o sexo masculino como referente universal da noção de humanidade. Esta *História das Mulheres* toma como objeto de estudo a *relação entre os sexos*, o que lhe permite ir muito além de simplesmente retrancar a história de uma "categoria dominada". Dessa forma é possível ver como a identidade feminina muda através da história, na medida em que se transformam as relações entre homens e mulheres. Utilizando o "gênero" como conceito-chave, esta *História das Mulheres* procura conferir uma especificidade própria à relação entre os sexos na história ocidental; relação esta que é tão essencial para compreender a evolução destas sociedades quanto as questões econômicas, culturais e políticas.

Michelle Perrot é autora de inúmeros trabalhos na área da história social. Ela é uma das mais importantes historiadoras da França e têm publicados no Brasil,

* Mestre em História (PUC-SP) e doutorando na Universidade de Paris VII.

além de vários artigos, o volume 4 da *História da Vida Privada* (Ed. Cia. das Letras) e *Os Excluídos da História* (Ed. Paz e Terra). Nesta entrevista ela nos fala da *História das Mulheres* e do questionamento que esse trabalho representa nas sociedades deste fim de século e milênio.

Em 1984, através de vários textos e debates, a senhora questionava a possibilidade de se construir uma história das mulheres. Hoje, vemos aparecer este trabalho em vários volumes que traça uma história das mulheres desde a Antiguidade até os dias atuais. O que se passou para que esta história tenha se tornado possível?

M.P. - Simplesmente nós trabalhamos muito. E não somente depois de 1984, mas antes, de uns quinze anos para cá, acumularam-se trabalhos de todo gênero, trabalhos monográficos ou trabalhos sobre problemas teóricos. Ao mesmo tempo a pesquisa concreta e a relação teórica progrediram consideravelmente durante estes quinze últimos anos. E assim, progressivamente, a questão se resolveu por ela mesma porque no fundo, já estávamos fazendo histórias das mulheres. No começo não sabíamos se havia algum sentido em fazer esta história. Não sabíamos se iríamos encontrar as fontes. Mas, na realidade, elas foram sendo localizadas e isto possibilitou que colocássemos questões, porque em história tudo depende das questões que se coloca. Se não se colocam questões o objeto de estudo não existe. Ora, no fundo, era preciso colocar a questão da história das mulheres para que se pudesse fazê-la. E eu creio que poderíamos dizer o mesmo em relação a muitas outras coisas, a muitos outros objetos. Por exemplo, hoje em dia praticamente não existe história, ao menos na França sobre as idades da vida, juventude, velhice. E o que se percebe é que se quisermos fazer esta história será difícil, porque as sociedades não falam em termos de velhice e juventude. Mas, no fim, acaba-se encontrando as fontes. Eu penso, então, que se a história das mulheres tornou-se possível é porque colocou-se a questão. E, a partir do momento que a questão foi colocada, foram feitas pesquisas documentais, afinaram-se os conceitos, acumularam-se trabalhos e, dessa forma, quando nos foi solicitado fazer esta síntese, haviam análises suficientes para que pudéssemos fazê-la.

Podemos falar então de um amadurecimento da questão da história das mulheres?

M.P. - Sim. Houve um aprofundamento da reflexão, e a partir deste momento a história das mulheres tornou-se possível. É divertido observar que 11 anos antes de 84, ou seja, em 1973, nós fizemos um curso em Jussieu com alguns colegas com o título "As mulheres têm uma história?". Assim, num primeiro momento nós nos perguntávamos se as mulheres tinham uma história. Será que para elas as coisas sempre ocorreram da mesma maneira? Através das sociedades sempre ocorreram da

mesma forma a maternidade, os filhos, a casa, os trabalhos domésticos? A partir destas reflexões percebemos que não, que as relações entre os sexos mudam através do tempo. E então foi possível dizer que as mulheres têm uma história. A partir daí colocamos uma segunda questão: pode-se fazer esta história? Nós então começamos a procurar as fontes, a decodificá-las e a olhar as coisas de outra maneira. Começamos a escrever e concluímos que sim, que poderíamos fazer história das mulheres.

E os materiais para construir a história das mulheres: não são eles, na sua maioria, oriundos dos instrumentos de conhecimento forjados pelo sexo masculino?

M.P. - Você tem razão em dizer que a dificuldade para escrever a história das mulheres é evidentemente a questão das fontes, ou como se diz em história, os materiais. E isto é verdadeiro para todas as épocas porque os materiais dos quais se dispõem são, com efeito, materiais escritos na maior parte dos casos pelos homens. Seja história, história da filosofia, discurso médico ou a arte. Ou os romances, por exemplo. Durante todo um grande período foram os homens que fizeram a literatura. E o mesmo se dá em relação aos documentos administrativos. Quando um comissário de polícia relata uma manifestação de mulheres e diz que elas vociferam, gritam, o que é que ele vê? Ele vê realmente mulheres que gritam ou será que ele é preso à idéia de que as mulheres sempre gritam? Portanto, é verdade que o problema das fontes é essencial, mas ele é desigual de acordo com as épocas. Existem épocas onde os documentos emanam somente dos homens, como a Antiguidade. Em relação à antiguidade greco-romana nós tivemos uma enorme dificuldade para encontrar um texto de mulher. Nós acabamos o primeiro volume com um texto de uma mártir cristã que escreve à sua mãe: ela será em breve devorada pelos leões e se preocupa com o seu pequeno menino. Este foi um dos raros textos que encontramos. Por outro lado, na Idade Média, existem muitos textos de mulheres. O cristianismo, de uma certa maneira, favoreceu a palavra das mulheres piás. As abadesas que dirigiam conventos, por exemplo, escreveram tratados e algumas vezes elas falaram das mulheres. E quanto mais o tempo passa, mais as mulheres são visíveis na história ocidental. Cada vez mais elas escrevem, cada vez mais elas tomam a palavra. A palavra e a escrita, evidentemente. Assim a dificuldade sempre existe, mas ela é desigual segundo as épocas. Existem épocas onde há poucos ou nenhum texto emanando das mulheres. Aí então é preciso tentar ler a história das mulheres naquilo que dizem os homens. Neste caso é sempre um discurso a decodificar. Na antiguidade grega existem historiadores que falam da violência das mulheres na cidade. O problema então é saber se se trata de um medo que eles têm ou se isto faz alusão

a acontecimentos que teriam se passado e que justificariam o medo de uma emergência das mulheres na esfera pública. Portanto, é sempre bastante difícil. É preciso ler um pouco pelo avesso. Por que se diz que os homens têm medo das mulheres? Talvez existam razões objetivas, de uma certa maneira. É preciso sempre fazer este desvio. Há uma analogia entre fazer a história das mulheres e fazer a história de outras categorias dominadas que também não têm acesso à palavra e ao escrito, mas que se tenta, mesmo assim, fazer sua história: revolta de escravos, greves de trabalhadores, revoltas de camponeses através do tempo, durante o século XVI e XVII, etc. Em geral estas categorias não falam elas mesmas, mas fala-se delas. E através daquilo que se diz delas pode-se tentar compreender alguma coisa. É todo um trabalho de historiador, que é um trabalho muito difícil.

O que a senhora acaba de falar questiona um certo hábito: aquele que diz que a "tomada de palavra" pelas mulheres seria um dos fenômenos sociais característico das últimas décadas, quando várias "minorias" conquistaram seus próprios meios de expressão.

M.P. - Eu diria que se trata de um movimento que remonta muito mais longe. Não foi somente a partir das últimas décadas que as mulheres conquistaram a palavra. Pode-se observar esta tomada da palavra já na Idade Média. Por outro lado pode-se também dizer que, se bem que as mulheres não sejam uma minoria, pois os dois sexos são numericamente iguais, elas têm um estatuto de minoria. Ou seja, não tendo o poder, pois não se conhece sociedades desprovidas de poder masculino - como dizem os antropólogos e os historiadores - as mulheres são, no plano do poder, uma categoria dominada. Portanto, uma minoria em relação à lei e ao direito. Dessa forma, existem analogias entre a tomada da palavra das minorias e esta tomada da palavra pelas mulheres. Mas o conteúdo das minorias muda no curso do tempo, enquanto que a relação entre os dois sexos atravessa toda a história. E deste ponto de vista, existe uma grande continuidade, uma grande duração nesta história, o que a torna, de uma certa maneira, mais fundamental.

Nesta História das Mulheres é utilizado o conceito de "gênero". O que isto significa e qual é a sua importância para a pesquisa histórica?

M.P. - O conceito de "gênero" é de origem anglo-saxônica, notadamente anglo-americana. A palavra "gênero" não é de fácil emprego para nós, em francês, porque se trata de uma categoria gramatical. Contudo, ela é utilizada, mas no sentido de relação entre os sexos, de diferença de sexos. E mesmo que a palavra não seja de fácil tradução, o conceito é muito importante. O que quer dizer que não se trabalha

com as mulheres isoladamente, o que não tem sentido. Um sexo só existe em relação ao outro. É uma evidência, mas trata-se de uma destas evidências que é preciso tornar operatória. Mesmo se descrevemos grupos de mulheres isoladas, o harém, o gineceu, o convento, isto não teria verdadeiramente importância a não ser que se reflita sobre o lugar destes grupos numa sociedade global. Conseqüentemente, há sempre esta idéia da relação entre os sexos. Por exemplo, o que é um convento de mulheres? Por que certas mulheres vão para um convento? Será que um convento de mulheres é como um convento de homens? Será que o conceito de virgindade é equivalente ao conceito de castidade masculina? Se trabalharmos dessa forma, as coisas tornam-se mais interessantes, pois assim é possível sair da descrição e colocar problemas. É preciso também observar que o “gênero” cultural e histórico se opõe ao sexo biológico. O sexo é uma categoria biológica, anatômica. Nós nascemos homens e mulheres nos nossos corpos, mas somos imediatamente propulsados num universo que é aquele da cultura e da história. Ser homem e ser mulher são imediatamente representações simbólicas, valores como o mais e o menos, o branco e o negro, o dia e a noite. Sempre binariamente. E o que interessa é ver como as relações entre os sexos se modificam, não é mesmo? Porque existem coisas que mudam e existem outras que permanecem relativamente imóveis. Tem-se mesmo a impressão que algumas coisas permanecem dramaticamente imóveis. Dessa forma, o interessante é questionar como se construiu a relação entre os sexos em todos os níveis do discurso, da prática, da teoria, da vida cotidiana, do espaço público, do espaço privado, do campo, da cidade, da burguesia, da nobreza, das classes populares, etc. A idéia de “gênero” é a idéia de uma categoria construída pela cultura e pela história e que, conseqüentemente, pode ser analisada enquanto categoria construída. É uma idéia bastante rica para os historiadores, que no fundo, não acreditam na natureza. Não muito, ao menos. Em definitivo, eles pensam que a natureza nos é imediatamente transmitida pelas palavras e pela cultura e que estes discursos são produtos históricos. Portanto, coisas a desconstruir e a analisar enquanto objetos históricos. Só existe historicidade, de uma certa maneira.

Desde a Antiguidade o referente universal da noção de humanidade sempre foi atribuído ao sexo masculino. Hoje em dia se vê cada vez mais claramente que isto provém de relações sociais historicamente estabelecidas. É chegada a hora de desvirilizar a história?

M.P. - Eu tenho vontade de responder sim e não. Sim porque a história, tendo sido sempre concebida como somente história dos homens, é preciso então desvirilizá-la. Introduzindo o conceito de relação entre os sexos, nós a desvirilizamos. Mas, por

outro lado, não se trata de substituir uma história dos homens por uma história que seria unicamente história das mulheres. Trata-se de refletir em termos de relação entre os sexos. Assim, o termo desvirilização não é aquele que convém. Não se trata de dizer que não se quer mais os homens e daqui por diante se vai dizer somente histórias das mulheres. É isso o que quero dizer com sim, num certo sentido, e não num outro. Forçosamente, num primeiro momento as mulheres privilegiam o ponto de vista feminino que iniciaram a sua própria história. Existe uma espécie de fenômeno de compensação e a idéia de que é preciso tornar visível algo que, de certa forma, sempre esteve escondido. Mas o objetivo não é encher bibliotecas com uma história que não seria outra que aquela das mulheres. Evidentemente não.

E as filiações das quais é tributária esta História das Mulheres, ou seja, quais são suas linhagens históricas, as preocupações onde ela insere?

M.P. - Eu diria que são várias. Primeiramente, não foi a história enquanto disciplina, mas a antropologia que teve um papel importante, notadamente depois de uns 30 ou 40 anos. Refiro-me à obra de Lévi-Strauss, mas não somente a ele, que fez da família a célula fundamental das sociedades e refletiu sobre a história em termos de família. Ora, desde que se coloca a questão da família nós vemos homens e mulheres, pais e filhos. Assim a antropologia que teve, notadamente na França, uma grande influência sobre a história, é uma filiação. Alguém como Georges Duby, que co-dirige comigo a *História das Mulheres*, não veio à história das mulheres pelo feminismo, ele não tinha muitas razões para isso. Ele chegou a esta história através da antropologia. E, atualmente, é sobretudo com os antropólogos que se discute sobre a questão da diferença de sexos, muito mais do que com pessoas de outras disciplinas. Em segundo lugar, eu diria que outra filiação desta *História das Mulheres* é o movimento de mulheres. Não haveria história das mulheres com esta intensidade se não houvesse existido um movimento de mulheres nos anos 70 nos Estados Unidos, na França, nos países ocidentais. Na maior parte dos países enfim, porque existe um feminismo no Brasil que é muito interessante. Percebe-se então que onde houve feminismo houve interrogações sobre a história. As mulheres se perguntam se elas são as primeiras a dizer o que elas estão dizendo, como é que era outrora, se estão em melhor situação agora ou antigamente, e assim por diante. Logo coloca-se a questão do progresso, da decadência, a questão da historicidade. Em terceiro lugar, na França, há a Escola dos Anais, que é uma escola que começou nos anos 30 e que inicialmente interessou-se pela história econômica e pela história social, sem colocar a questão da história das mulheres. Mas se interessando pelas mentalidades, àquilo que se chama história das mentalidades, ela se abriu à história das mulheres.

E atualmente ela se interessa por esta história. Portanto eis aí, não verdadeiramente um outra filiação, mas uma cumplicidade. E cabe observar que na França nós temos talvez mais facilidade de nos fazer escutar pela história dominante do que em outros países, onde é a história política ou diplomática quem reina.

No começo dos anos 70 a senhora defendeu uma tese que marcou a história do movimento operário na França. Há cerca de um ano atrás a senhora declarou que "a classe operária não é mais nem um ator sociológico nem um ator político. Talvez ela não seja nem mesmo mais o principal problema social". O que isto significa em relação às questões que se colocam os historiadores atualmente?

M.P. - De minha parte, como é observado nesta questão, eu comecei a trabalhar sobre a história operária. E devo dizer que a esta época eu me colocava a questão das mulheres, mas era secundário. Para mim o mais importante era fazer a história da classe operária, que era a classe mais numerosa e a mais pobre. Como diziam os saint-simonianos, a categoria dominada. Progressivamente eu tomei consciência da condição das mulheres, do fato que eu pertença a esta história. Isto, portanto, me interessou pessoalmente e eu me senti concernida pelo movimento de mulheres. Por outro lado quando escrevi esta frase, eu creio que exprimo um pouco a realidade. Ou seja, existe nas nossas sociedades ocidentais, pela evolução da economia e da sociedade, o fato de que a classe operária se afasta um pouco no horizonte. Ela se afasta de nossos horizontes como ator social. Ela é uma classe que não cresce mais. As categorias que mais crescem são os assalariados. E dentre os assalariados é o setor terciário, todo um mundo imenso de empregados. Hoje em dia vê-se que muitas fábricas fecham e que não se tem tanta necessidade de operários porque a produtividade das máquinas é absolutamente enorme. Entretanto, vê-se que é preciso formar intelectualmente as pessoas porque elas precisam obter cada vez mais uma maior capacitação intelectual, já que os setores de emprego não são mais os setores operários. Portanto, socialmente, a classe operária não é a classe do futuro. Isto pode parecer estranho mas eu creio que é verdadeiro. Em segundo lugar, existe a grande crise do comunismo e todos os partidos representantes da classe operária. Crise esta que é ligada à regressão sociológica da classe operária, mas não apenas a isto, pois ela é ligada à falência do comunismo que é uma falência monumental, trágica, mas em todo caso, muito evidente. Tudo isto faz com que a classe operária não seja o ator social do futuro, nem sociologicamente, nem politicamente, porque existem categorias mais importantes. O que não quer dizer, absolutamente, que os problemas sociais estejam resolvidos, muito pelo contrário. Hoje vemos que são outras figuras, como as figuras da exclusão, do exílio, dos imigrantes, do desempregado, que se

tomaram as mais importantes nas nossas sociedades e não tanto a figura do operário que trabalha, qualificado, tornou-se uma figura que não é mais uma figura líder do ponto de vista social.

Pode-se associar o questionamento das relações entre os sexos a um questionamento mais geral, que diz respeito a uma crise dos valores universais nas sociedades contemporâneas, como crise da idéia de progressão, de verdade, de crise da própria família, etc.?

M.P. - Esta questão não é fácil. Se você quer dizer que a crise dos valores universais nas sociedades contemporâneas é a perda de referências, eu penso que o feminismo, no fundo, exprime alguma coisa nova. Que é a idéia de que até então nós nos acomodamos a uma sociedade dominada pelos homens. Como já disse, a antropologia e a história nos informam que jamais houve sociedades que não fossem dominadas pelos homens. E isto é aceitável, se pudéssemos falar assim, quando funciona. Ora, existe uma certa falência das sociedades contemporânea: crise de autoridade, crise dos valores sociais, não se acredita mais tanto na idéia de progresso indefinido, etc. Hoje, pensamos as coisas mais em termos de desequilíbrio. E no meio de tudo isso uma questão que se coloca é a de tentar fazer uma sociedade onde, por exemplo, os sexos sejam mais igualitários, o que atualmente parece possível enquanto que antes seria algo inconcebível. Hoje vemos também que os valores privados, as relações entre os homens e as mulheres são coisas essenciais na sociedade. E pode ser que, se quisermos chegar a um maior equilíbrio, a uma dose maior de felicidade, seja preciso aceitar colocar esta questão da igualdade entre os sexos. Dito de outra forma, esta questão tornou-se vital nas nossas sociedades. E eu penso que nós não podemos evitá-la.

Em vários domínios intelectuais fala-se seguidamente do "fim do humanismo". Neste contexto, qual é, segundo a senhora, o lugar que ocupa a história hoje?

M.P. - Eu creio que a história tem uma função crítica. O que não foi sempre o caso. A história foi, durante muito tempo, uma disciplina que acreditava no humanismo, que acreditava no progresso. Se pensarmos na história do começo deste século na França, por exemplo, veremos que nela existe um pouco a idéia da Revolução Francesa, dos valores universais, do humanismo, estas coisas. Nós somos muito mais reservados agora. No fundo, não se acredita tanto nem no progresso, nem na decadência. Nem na catástrofe e tampouco no progresso indefinido. O que não quer dizer que as coisas tenham se tornado igualitárias. Existem nas nossas sociedades coisas pelas quais é preciso combater, como os valores democráticos essenciais e

os problemas de igualdade. Enfim, coisas que tornam talvez os historiadores mais presentes no mundo atual. Não se reenvia mais as coisas para o futuro. Em segundo lugar, eu creio que talvez os historiadores sejam mais críticos atualmente e que o seu papel é o de serem críticos engajados. Ou seja, questionar tudo aquilo que nos dizem, colocar e criticar a questão da verdade. E ao fazê-lo, num certo sentido, o historiador se posiciona em relação aos problemas contemporâneos, já que no fundo, ele sabe que a história que ele faz se relaciona com o presente. Tomando como exemplo a história das mulheres, sente-se isto que estou dizendo de uma maneira muito forte, porque jamais haveria uma história das mulheres se elas não tivessem colocado as questões que colocaram. E nós sabemos muito bem que um objeto histórico é um objeto mortal. É possível que daqui há 20 anos a história das mulheres interesse muito menos do que agora. Não se sabe. Os historiadores tomaram consciência do caráter relativamente subjetivo de suas pesquisas. Não existem objetos históricos definidos de uma vez por todas. A história é uma relação entre o presente e o passado. O historiador constrói sua problemática com as questões que lhe coloca o presente. Daqui há 30, 20 anos, ou mesmo antes, se colocarão outras questões. Deste ponto de vista há um deslocamento. Os historiadores do começo do século acreditavam que construíam a história para a eternidade. Nós acreditamos tanto nisso. A história é mortal.

Mesmo em países onde ainda persistem relações conservadoras entre os sexos, como é o caso do Brasil, vê-se que o movimento de mulheres cresce. Tendo em conta este florescimento do feminismo em toda parte, pode-se pensar, conseqüentemente, na possibilidade do surgimento de uma nova sensibilidade masculina?

M.P. - A resposta é sim. E isto, eu creio, não é somente uma hipótese é já uma realidade. Em países como os Estados Unidos, que precederam um pouco a todo mundo neste domínio da reflexão, existe atualmente cada vez mais homens que se colocam a questão de sua existência enquanto sexo masculino. Existe, aliás, uma grande quantidade de livros que aparecem. Num dos últimos números do New York Review of Books, eu fiquei muito impressionada ao ver uma crônica que resenhava uns 5 ou 6 livros sobre a maneira pela qual os homens escreveram, pensam a si na sociedade enquanto "gender", ou seja sobre a diferença entre os sexos, mas desta vez, visto pelo lado dos homens. Eu creio que é uma coisa excelente. Na França isto ainda não está muito desenvolvido. Aqui existem muitos poucos livros a respeito, mas eu penso que nos próximos 10 anos estas questões se desenvolverão. Mesmo que existam poucos homens nos grupos que se interrogam sobre a diferença entre os sexos, que eles sejam minoritários, eles são mais numerosos do que há alguns

anos atrás. E são eles que dizem: “como é possível que os homens não compareçam? Isto nos diz respeito tanto quanto às mulheres”. Assim, eu penso que isto pode levar a uma nova interrogação masculina. Contudo, há uma segunda resposta a esta questão. A cada vez que as mulheres progredem em igualdade na sociedade, como é o caso das nossas sociedades contemporâneas e, provavelmente, o caso da sociedade brasileira também, isto leva algumas vezes a uma reação contrária, de virilidade, de supervirilidade, porque os homens se sentem ameaçados. Assim existem aqueles que refletem e existem aqueles que têm medo. Os homens sempre tiveram um pouco de medo das mulheres, o que pode levar, ao contrário da reflexão, a uma reação machista.

Em relação a isto, a senhora é otimista ou pessimista?

M.P. - Há dias que eu sou otimista e há outros que eu sou pessimista. Eu creio que as mulheres ganharam muito nestes 10 ou 20 últimos anos, 30, talvez. Mas eu penso que as mulheres jovens que conheço. Há um preço a pagar e ele é alto. Eu vejo muitas mulheres jovens solitárias, talvez mais solitárias do que antes, porque elas não aceitam mais um certo número de coisas. Por outro lado, os homens se sentem desconcertados por estas jovens mulheres que querem tudo, que são brilhantes, e que lhes dão a impressão de que estão tomando o lugar deles na sociedade. Quando vejo tudo isto, eu me digo que, francamente, não é simples. Existem alguns estudos, como o do sociólogo Jean-Claude Kaufmann, que é um especialista da sociologia da vida privada atual, onde são colocadas estas questões. No caso deste sociólogo ele faz um estudo sobre a roupa. E através disto ele segue as relações homem/mulher no casal contemporâneo. Ele estuda a partilha das tarefas domésticas as relações aos valores simbólicos, etc. E ele é bastante pessimista. Ele diz que não se deve pensar que as coisas mudaram muito. Desde que se aborde os problemas de organização da vida quotidiana, percebe-se que existe sempre uma grande desigualdade e que, em definitivo, as coisas não mudaram tanto assim. Ele é bem mais pessimista do que eu. Em todo caso, tudo isto é muito frágil, o que faz com que às vezes eu sinta um certo pessimismo. Mas eu prefiro viver na época atual do que há cem anos, é claro. E eu penso que nenhuma mulher que vive atualmente gostaria de retornar cem anos atrás. Nós conquistamos muitas possibilidades de liberdade. Outrora, as mulheres possuíam um destinação, hoje elas possuem um destino. Ou seja, elas podem escolher. Mas, em contrapartida à liberdade há o risco. Quando se colocam as pessoas nos trilhos e elas fazem somente aquilo que lhes é dito, não há risco, mas também não há liberdade. Bem, isto são coisas que me tornam otimista. Mas, quando penso na fragilidade das coisas no mundo de hoje eu fico um pouco pessimista. Por exemplo, o fato de que no mundo de hoje nós assistimos a um cres-

cimento das religiões integristas, e não somente muçulmanas, mas também no protestantismo americano e no catolicismo ocidental. Ora, tudo o que é integrista é, em geral, bastante conservador. Portanto, velemos pelas coisas, elas são frágeis.

A História da Vida Privada, da qual a senhora participou, foi um sucesso de público na França e também no Brasil. No que se refere a esta História das Mulheres, como a senhora está vendo a sua recepção pelo público?

M.P. - Esta *História das Mulheres* está tendo um grande sucesso. Ele está tendo muito sucesso na Itália, onde ela apareceu primeiramente e está tendo um enorme sucesso na Espanha, onde o primeiro volume já foi publicado. E na França ela está indo muito bem, o que é algo que eu não esperava. Eu pensei que os franceses seriam bastante indiferentes. E isto foi uma surpresa para mim e para toda a equipe, já que são livros difíceis. E mesmo que nós tenhamos feito um esforço para escrever de maneira clara, estes livros não são como romances policiais, é preciso reconhecer. Além disso eles custam caro. Mas, mesmo assim, cada volume tem vendido cerca de 20 mil exemplares, o que não os torna best sellers, mas é algo muito bom, pois demonstra que existe interesse. O desconhecido, e isto será interessante, vai ser o público anglo-saxão, uma vez que a tradução inglesa aparecerá daqui há um mês. Não é certo que nos países anglo-saxões eles façam tanto sucesso. Primeiramente porque eles já têm uma enormidade de livros sobre mulheres, mesmo que eles não possuam esta história geral que tentamos fazer, da Antiguidade aos nossos dias. Eles não são habituados a este tipo de trabalho de longa duração. Mas talvez, no fundo, eles tenham a impressão de que a relação entre os homens e as mulheres não lhes diz mais respeito. É no que se refere ainda aos países que poderíamos chamar de latinos, não sabemos ainda como será em Portugal e no Brasil, onde estes livros também serão publicados.

A História das Mulheres é um trabalho monumental. Como é que ele foi organizado?

M.P. - Trata-se de uma encomenda italiana. Foi um editor italiano, que se chama Laterza, que nos solicitou este trabalho. Isto remonta a 1988, fins de 1987. Num primeiro momento nós hesitamos bastante. A proposta foi feita primeiramente a Georges Duby. Ele então se dirigiu a mim dizendo que se tratava de um belo projeto mas que poderia fazer somente algo sobre a Idade Média, já que ele nada sabia sobre os trabalhos sobre as mulheres. Por outro lado, eu, evidentemente os conhecia muito bem. Então eu me dirigi às mulheres com as quais eu trabalho há quinze anos, nós conversamos a respeito e ao discutirmos, percebemos que estávamos dizendo sim a esta proposta. Ou seja, estávamos já elaborando esta história das mulheres. Bem, este trabalho foi organizado do seguinte modo: são cinco volumes,

tendo cada um deles uma ou duas organizadoras, as quais constituíram suas equipes. Por exemplo, Pauline Schmitt organizou o volume sobre a Antiguidade, e Geneviève Fraisse e eu dirigimos o volume sobre o século XX, e assim por diante. Desta forma há por um lado os organizadores da coleção, Duby e eu, e de outro, as organizadoras de volume, grupo que se encontrou seguidamente e que discutiu muitos todas as etapas. Além deste grupo, há todo o conjunto dos colaboradores, os quais trabalharam numa relação mais direta com as organizadoras de volume, ocorrendo entretanto um grande colóquio em Paris, em junho de 1988, onde todo mundo estava presente, cerca de 70 pessoas. Foram dois dias de discussões quando então foram decididas as linhas gerais, as escolhas, as maneiras de escrever, etc. Dentre as escolhas que fizemos, primeiramente decidimos fazer uma história de longa duração, da Antiguidade aos nossos dias. Em segundo lugar, optamos por retomar a periodização da história ocidental, porque não tínhamos meios de fazer de outra forma. E aí, naturalmente, se coloca a questão de saber se esta periodização corresponde a alguma coisa. Em terceiro lugar, nós tratamos somente do mundo ocidental. Trata-se de uma história das mulheres no ocidente, isto é bem claro. E eu diria que não há praticamente nada sobre a América Latina. Existem bastante coisas sobre os Estados Unidos, mas quase nada sobre a América Latina. No volume espanhol sobre o século XVI e XVII foi acrescentado a questão do problema da exportação de um modelo ibérico no mundo latino-americano. Há também coisas sobre a Espanha no volume espanhol dedicado ao século XX, por causa do franquismo, mas há muito pouca coisa sobre Portugal e o Brasil. Isto se deve ao fato de que a maior parte dos trabalhos eram sobre a Europa ocidental e sobre os Estados Unidos. E, evidentemente, a questão da América do Norte só tem pertinência a partir do século XVI.

Em quantos países será traduzida esta História das Mulheres?

M.P. - Em nove países. Ela será traduzida em italiano, francês, inglês, alemão, holandês, grego, espanhol, português e o Japão, que ainda não se decidiu.

Existem poucos homens nesta História das Mulheres. Isto é porque esta história deve ser escrita unicamente pelas mulheres?

M.P. - Não, absolutamente. Isto é a expressão de uma situação de fato. A saber, que foram primeiramente as mulheres que trabalharam sobre a história das mulheres, porque elas são talvez, pessoalmente envolvidas. Mas, não existe razão, e nem seria desejável que somente as mulheres escrevam esta história. É normal, por exemplo, que nos Estados Unidos sejam primeiramente os negros que tenham escrito a história dos negros, é evidente. Mas, não há razão para que os brancos não escrevam a história dos negros e da escravidão, e aliás, eles o fazem. Consequen-

temente não há nenhum motivo em reservar um domínio a uma classe, a um sexo, a uma categoria étnica. Mesmo que na prática as coisas comecem quase sempre deste modo. São os índios, evidentemente, que irão primeiramente escrever a sua história, etc. É normal. Assim, não há nenhuma razão para que esta história seja escrita unicamente por mulheres. É mesmo desejável que ela não seja escrita unicamente pelas mulheres.

Para além do domínio historiográfico, a senhora acha que se pode imaginar alguma ressonância devido à publicação da História da Vida Privada e da História das Mulheres? E mais profundamente será que estas histórias não respondem a uma demanda social, ou seja, a uma mudança de subjetividade?

M.P. - No que se refere à primeira parte da sua questão, eu penso que normalmente estas histórias devem ter algum efeito, ou seja, que elas deveriam contribuir para que se colocasse as questões de outra maneira e também para que se colocasse outros tipos de questões. Mas isto será demorado, porque existe uma longa inércia dos hábitos mentais. Eu penso, por exemplo, que não se poderá mais dizer que em 1848 na França o sufrágio era universal, já que ele era somente sufrágio universal masculino. E se observa efetivamente que agora se diz “sufrágio universal masculino”. Bem, este é um pequeno exemplo. De outra parte, a saber, se estas histórias correspondem à uma demanda social? Sim, certamente. E elas correspondem também a uma mudança de subjetividade na medida em que elas respondem a um desejo do sujeito mulher, e portanto, a uma reivindicação da subjetividade na história. O que, de uma certa maneira, fortifica a demanda de todas as subjetividades neste domínio e libera energias no domínio da subjetividade.

Que contribuições este trabalho pode trazer para as pesquisas sobre a história das mulheres no Brasil?

M.P. - Eu confesso que não sei. Eu penso que somente os homens e as mulheres brasileiras poderão, no começo, sobretudo, escrever a sua própria história. E eles começam a fazê-lo, isto é muito claro. Vê-se cada vez mais historiadores e historiadoras brasileiras que se colocam este tipo de questão. E talvez o fato de que existe uma história das mulheres no ocidente possa lhes dar legitimidade. Ou seja, já que isto se faz na França e em outros lugares e que todo mundo acha interessante, isto não é, portanto, fútil, inútil ou ridículo. Talvez, diante de algum universitário que diga que não é interessante a história das mulheres, um historiador ou historiadora brasileira que queira fazer esta história possa responder que existe uma história das mulheres que não toma o Brasil em conta, e é preciso que façamos nossa história enquanto gênero. Eu creio que isto possa ser um argumento. Além

disso, a experiência que consta nestes volumes pode talvez ajudar outras pessoas e lhes levar a colocar questões por elas mesmas. É a elas que compete dar resposta.